

O Livro dos Médiuns



Allan Kardec

PARTE II – CAPÍTULO XX
Influência moral do Médiun

Índice

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XX)

Assunto	Origem	Pagina
01. Influência moral do Médium	O Livro dos Médiuns	03
Mediunidade conturbada	O Consolador	08
Bons Médiuns e Médiuns orgulhosos	O Consolador	11

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XX)

Parte II – Das manifestações Espíritas.

Capítulo XX – Influência moral do Médium

1. Influência moral do Médium

226. 1ª O desenvolvimento da mediunidade guarda relação com o desenvolvimento moral dos médiuns?

“Não; a faculdade propriamente dita se radica no organismo; independe do moral. O mesmo, porém, não se dá com o seu uso, que pode ser bom, ou mau, conforme as qualidades do médium.”

2ª Sempre se há dito que a mediunidade é um dom de Deus, uma graça, um favor. Por que, então, não constitui privilégio dos homens de bem e por que se vêem pessoas indignas que a possuem no mais alto grau e que dela usam mal?

“Todas as faculdades são favores pelos quais deve a criatura render graças a Deus, pois que homens há privados delas. Poderias igualmente perguntar por que concede Deus vista magnífica a malfeitores, destreza a gatunos, eloquência aos que dela se servem para dizer coisas nocivas.

O mesmo se dá com a mediunidade. Se há pessoas indignas que a possuem, é que disso precisam mais do que as outras, para se melhorarem. Pensas que Deus recusa meios de salvação aos culpados? Ao contrário, multiplica-os no caminho que eles percorrem; põe-nos nas mãos deles. Cabe-lhes aproveitá-los. Judas, o traidor, não fez milagres e não curou doentes, como apóstolo? Deus permitiu que ele tivesse esse dom, para mais odiosa tornar aos seus próprios olhos a traição que praticou.”

3ª Os médiuns, que fazem mau uso das suas faculdades, que não se servem delas para o bem, ou que não as aproveitam para se instruírem, sofrerão as consequências dessa falta?

“Se delas fizerem mau uso, serão punidos duplamente, porque têm um meio a mais de se esclarecerem e o não aproveitam. Aquele que vê claro e tropeça é mais censurável do que o cego que cai no fosso.”

4ª Há médiuns aos quais, espontaneamente e quase constantemente, são dadas comunicações sobre o mesmo assunto, sobre certas questões morais, por exemplo, sobre determinados defeitos. Terá isso algum fim?

“Tem, e esse fim é esclarecê-lo sobre o assunto frequentemente repetido, ou corrigi-los de certos defeitos. Por isso é que a uns falarão continuamente do orgulho, a outros, da caridade. É que só a saciedade lhes poderá abrir, afinal, os olhos. Não há médium que faça mau uso da sua faculdade, por ambição ou interesse, ou que a comprometa por causa de um defeito capital, como o orgulho, o egoísmo, a levandade, etc., e que, de tempos a tempos, não receba admoestações dos Espíritos. O pior é que as mais das vezes eles não as tomam como dirigidas a si próprios.”

Nota. É frequente usarem os Espíritos de circunlóquios em suas lições, dando-as de modo indireto para não tirarem o mérito àquele que as sabe aproveitar e aplicar. Porém, tais são a cegueira e o orgulho de algumas pessoas, que elas não se reconhecem no quadro que se lhes põe diante dos olhos. Ainda mais: se o Espírito lhes dá a entender que é delas que se trata, zangam-se e o qualificam de mentiroso, ou malicioso. Só isto basta para provar que o Espírito tem razão.

5ª Nas lições ditadas, de modo geral, ao médium, sem aplicação pessoal, não figura ele como instrumento passivo, para instrução de outrem?

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XX)

“Muitas vezes, os avisos e conselhos não lhes são dirigidos pessoalmente, mas a outros a quem não nos podemos dirigir, senão por intermédio dele, que, entretanto, deve tomar a parte que lhes caiba em tais avisos e conselhos, se não o, cega o amor-próprio.”

“Não creias que a faculdade mediúnica seja dada somente para correção de uma, ou duas pessoas, não. O objetivo é mais alto: trata-se da Humanidade. Um médium é um instrumento pouquíssimo importante, como indivíduo. Por isso é que, quando damos instruções que devem aproveitar à generalidade dos homens, nos servimos dos que oferecem as facilidades necessárias. Tenha-se, porém, como certo que tempo virá em que os bons médiuns serão muito comuns, de sorte que os bons Espíritos não precisarão servir-se de instrumentos maus.”

6ª Visto que as qualidades morais do médium afastam os Espíritos imperfeitos, como é que um médium dotado de boas qualidades transmite respostas falsas, ou grosseiras?

“Conheces, porventura, todos os escaninhos da alma humana? Demais, pode a criatura ser leviana e frívola, sem que seja viciosa. Também isso se dá, porque, às vezes, ele necessita de uma lição, a fim de manter-se em guarda.”

7ª Por que permitem os Espíritos superiores que pessoas dotadas de grande poder, como médiuns, e que muito de bom poderiam fazer, sejam instrumentos do erro?

“Os Espíritos de que falas procuram influenciá-las; mas, quando essas pessoas consentem em ser arrastadas para mau caminho, eles as deixam ir. Daí o servirem-se delas com repugnância, visto que a verdade não pode ser interpretada pela mentira.”

8ª Será absolutamente impossível se obtenham boas comunicações por um médium imperfeito?

“Um médium imperfeito pode algumas vezes obter boas coisas, porque, se dispõe de uma bela faculdade, não é raro que os bons Espíritos se sirvam dele, à falta de outro, em circunstâncias especiais; porém, isso só acontece momentaneamente, porquanto, desde que os Espíritos encontrem um que mais lhes convenha, dão preferência a este.”

Nota. Deve-se observar que, quando os bons Espíritos vêem que um médium deixa de ser bem assistido e se torna, pelas suas imperfeições, presa dos Espíritos enganadores, quase sempre fazem surgir circunstâncias que lhes desvendam os defeitos e o afastam das pessoas sérias e bem-intencionadas, cuja boa-fé poderia ser ilaqueada. Neste caso, quaisquer que sejam as faculdades que possua, seu afastamento não é de causar saudades.

9ª Qual o médium que se poderia qualificar de perfeito?

“Perfeito, ah! bem sabes que a perfeição não existe na Terra, sem o que não estaríeis nela. Dize, portanto, bom médium e já é muito, por isso que eles são raros. Médium perfeito seria aquele contra o qual os maus Espíritos jamais ousassem, uma tentativa de enganá-lo. O melhor é aquele que, simpatizando somente com os bons Espíritos, tem sido o menos enganado.”

10ª Se ele só com os bons Espíritos simpatiza, como permitem estes que seja enganado?

“Os bons Espíritos permitem, às vezes, que isso aconteça com os melhores médiuns, para lhes exercitar a ponderação e para lhes ensinar a discernir o verdadeiro do falso. Depois, por muito bom que seja, um médium jamais é tão perfeito, que não possa ser atacado por algum lado fraco. Isto lhes deve servir de lição. As falsas comunicações, que de tempos a tempos ele recebe, são avisos para que não se considere infalível e não se ensoberbeça. Porque, o médium que receba as coisas mais notáveis não tem que se gloriar disso, como não o tem o tocador de realejo que obtém belas árias movendo a manivela do seu instrumento.”

11ª Quais as condições necessárias para que a palavra dos Espíritos superiores nos chegue isenta de qualquer alteração?

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XX)

“Querer o bem; repulsar o egoísmo e o orgulho. Ambas essas coisas são necessárias.”

12ª Uma vez que a palavra dos Espíritos superiores não nos chega pura, senão em condições difíceis de se encontrarem preenchidas, esse fato não constitui um obstáculo à propagação da verdade?

“Não, porque a luz sempre chega ao que a deseja receber. Todo aquele que queira esclarecer-se deve fugir às trevas e as trevas se encontram na impureza do coração.”

“Os Espíritos, que considerais como personificações do bem, não atendem de boa vontade ao apelo dos que trazem o coração manchado pelo orgulho, pela cupidez e pela falta de caridade.”

“Expurguem-se, pois, os que desejam esclarecer-se, de toda a vaidade humana e humilhem a sua inteligência ante o infinito poder do Criador. Esta a melhor prova que poderão dar da sinceridade do desejo que os anima. É uma condição a que todos podem satisfazer.”

227. Se o médium, do ponto de vista da execução, não passa de um instrumento, exerce, todavia, influência muito grande, sob o aspecto moral. Pois que, para se comunicar, o Espírito desencarnado se identifica com o Espírito do médium, esta identificação não se pode verificar, senão havendo, entre um e outro, simpatia e, se assim é lícito dizer-se, afinidade. A alma exerce sobre o Espírito livre uma espécie de atração, ou de repulsão, conforme o grau da semelhança existente entre eles. Ora, os bons têm afinidade com os bons e os maus com os maus, donde se segue que as qualidades morais do médium exercem influência capital sobre a natureza dos Espíritos que por ele se comunicam. Se o médium é vicioso, em torno dele se vêm agrupar os Espíritos inferiores, sempre prontos a tomar o lugar aos bons Espíritos evocados. As qualidades que, de preferência, atraem os bons Espíritos são: a bondade, a benevolência, a simplicidade do coração, o amor do próximo, o desprendimento das coisas materiais. Os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões que escravizam o homem à matéria.

228. Todas as imperfeições morais são outras tantas portas abertas ao acesso dos maus Espíritos. A que, porém, eles exploram com mais habilidade é o orgulho, porque é a que a criatura menos confessa a si mesma. O orgulho tem perdido muitos médiuns dotados das mais belas faculdades e que, se não fora essa imperfeição, teriam podido tornar-se instrumentos notáveis e muito úteis, ao passo que, presas de Espíritos mentirosos, suas faculdades, depois de se haverem pervertido, aniquilaram-se e mais de um se viu humilhado por amaríssimas decepções.

O orgulho, nos médiuns, traduz-se por sinais inequívocos, a cujo respeito tanto mais necessário é se insista, quanto constitui uma das causas mais fortes de suspeição, no tocante à veracidade de suas comunicações. Começa por uma confiança cega nessas mesmas comunicações e na infalibilidade do Espírito que lhes dá. Daí um certo desdém por tudo o que não venha deles: é que julgam ter o privilégio da verdade. O prestígio dos grandes nomes, com que se adornam os Espíritos tidos por seus protetores, os deslumbra e, como neles o amor-próprio sofreria, se houvessem de confessar que são ludibriados, repelem todo e qualquer conselho; evitam-nos mesmo, afastando-se de seus amigos e de quem quer que lhes possa abrir os olhos. Se condescendem em escutá-los, nenhum apreço lhes dão às opiniões, porquanto duvidar do Espírito que os assiste fora quase uma profanação. Aborrecem-se com a menor contradita, com uma simples observação crítica e vão às vezes ao ponto de tomar ódio às próprias pessoas que lhes têm prestado serviço. Por favorecerem a esse insulamento a que os arrastam os Espíritos que não querem contraditores, esses mesmos Espíritos se comprazem em lhes conservar as ilusões, para o que os fazem considerar coisas sublimes as mais polpudas absurdidades. Assim, confiança absoluta na superioridade do que obtém, desprezo pelo que deles não venha, irrefletida importância dada aos grandes nomes, recusa de todo conselho, suspeição sobre qualquer crítica,

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XX)

afastamento dos que podem emitir opiniões desinteressadas, crédito em suas aptidões, apesar de inexperientes: tais as características dos médiuns orgulhosos.

Devemos também convir em que, muitas vezes, o orgulho é despertado no médium pelos que o cercam. Se ele tem faculdades um pouco transcendentes, é procurado e gabado e entra a julgar-se indispensável. Logo toma ares de importância e desdém, quando presta a alguém o seu concurso. Mais de uma vez tivemos motivo de deplorar elogios que dispensamos a alguns médiuns, com o intuito de os animar.

229. A par disto, ponhamos em evidência o quadro do médium verdadeiramente bom, daquele em que se pode confiar. Supor-lhe-emos, antes de tudo, uma grandíssima facilidade de execução, que permita se comuniquem livremente os Espíritos, sem encontrarem qualquer obstáculo material. Isto posto, o que mais importa considerar é de que natureza são os espíritos que habitualmente o assistem, para o que não nos devemos ater aos nomes, porém, à linguagem. Jamais deverá ele perder de vista que a simpatia, que lhe dispensam os bons Espíritos, estará na razão direta de seus esforços por afastar os maus. Persuadido de que a sua faculdade é um dom que só lhe foi outorgado para o bem, de nenhum modo procura prevalecer-se dela, nem apresentá-la como demonstração de mérito seu. Aceita as boas comunicações, que lhe são transmitidas, como uma graça, de que lhe cumpre tornar-se cada vez mais digno, pela sua bondade, pela sua benevolência e pela sua modéstia. O primeiro se orgulha de suas relações com os Espíritos superiores; este outro se humilha, por se considerar sempre abaixo desse favor.

230. A seguinte instrução deu no la, sobre o assunto, um Espírito de quem temos inserido muitas comunicações: “Já o dissemos: os médiuns, apenas como tais, só secundária influência exercem nas comunicações dos Espíritos; o papel deles é o de uma máquina elétrica, que transmite os despachos telegráficos, de um ponto da Terra a outro ponto distante. Assim, quando queremos ditar uma comunicação, agimos sobre o médium, como o empregado do telégrafo sobre o aparelho, isto é, do mesmo modo que o tique-taque do telégrafo traça, a milhares de léguas, sobre uma tira de papel, os sinais reprodutores do despacho, também nós comunicamos, por meio do aparelho mediúnico, através das distâncias incomensuráveis que separam o mundo visível do mundo invisível, o mundo imaterial do mundo carnal, o que vos queremos ensinar. Mas, assim como as influências atmosféricas atuam, perturbando, muitas vezes, as transmissões do telégrafo elétrico, igualmente a influência moral do médium atua e perturba, às vezes, a transmissão dos nossos despachos de além-túmulo, porque somos obrigados a fazê-los passar por um meio que lhes é contrário. Entretanto, essa influência, amiúde, se anula, pela nossa energia e vontade, e nenhum ato perturbador se manifesta. Com efeito, os ditados de alto alcance filosófico, as comunicações de perfeita moralidade são transmitidas algumas vezes por médiuns impróprios a esses ensinamentos superiores; enquanto que, por outro lado, comunicações pouco edificantes chegam também, às vezes, por médiuns que se envergonham de lhes haverem servido de condutores.

“Em tese geral, pode afirmar-se que os Espíritos atraem Espíritos que lhes são similares e que raramente os Espíritos das plêiadas elevadas se comunicam por aparelhos maus condutores, quando têm à mão bons aparelhos mediúnicos, bons médiuns, numa palavra.

“Os médiuns levianos e pouco sérios atraem, pois, Espíritos da mesma natureza; por isso é que suas comunicações se mostram cheias de banalidades, frivolidades, idéias truncadas e, não raro, muito heterodoxas, espiriticamente falando. Certamente, podem eles dizer, e às vezes dizem, coisas aproveitáveis; mas, nesse caso, principalmente, é que um exame severo e escrupuloso se faz necessário, porquanto, de envolta com essas coisas aproveitáveis, Espíritos hipócritas insinuam, com habilidade e preconcebida perfídia, fatos de pura invencionice, asserções mentirosas, a fim de iludir a boa-fé dos que lhes dispensam atenção. Devem riscar-se, então, sem piedade, toda palavra, toda frase equívoca e só conservar do ditado o que a lógica possa aceitar,

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XX)

ou o que a Doutrina já ensinou. As comunicações desta natureza só são de temer para os espíritas que trabalham isolados, para os grupos novos, ou pouco esclarecidos, visto que, nas reuniões onde os adeptos estão adiantados e já adquiriram experiência, a gralha perde o seu tempo a se adornar com as penas do pavão: acaba sempre desmascarada.

“Não falarei dos médiuns que se comprazem em solicitar e receber comunicações obscenas. Deixemos se deleitem na companhia dos Espíritos cínicos. Aliás, os autores das comunicações desta ordem buscam, por si mesmos, a solidão e o isolamento; porquanto só desprezo e nojo poderão causar entre os membros dos grupos filosóficos e sérios. Onde, porém, a influência moral do médium se faz realmente sentir, é quando ele substitui, pelas que lhe são pessoais, as idéias que os Espíritos se esforçam por lhe sugerir e também quando tira da sua imaginação, teorias fantásticas que, de boa-fé, julga resultarem de uma comunicação intuitiva. É de apostar-se então mil contra um que isso não passa de reflexo do próprio Espírito do médium. Dá-se mesmo o fato curioso de mover-se a mão do médium, quase mecanicamente às vezes, impelida por um Espírito secundário e zombeteiro. É essa a pedra de toque contra a qual vêm quebrar-se as imaginações ardentes, por isso que, arrebatados pelo ímpeto de suas próprias idéias, pelas lentejoulas de seus conhecimentos literários, os médiuns desconhecem o ditado modesto de um Espírito criterioso e, abandonando a presa pela sombra, o substituem por uma paráfrase empolada. Contra este escolho terrível vêm igualmente chocar-se as personalidades ambiciosas que, em falta das comunicações que os bons Espíritos lhes recusam, apresentam suas próprias obras como sendo desses Espíritos. Daí a necessidade de serem, os diretores dos grupos espíritas, dotados de fino tato, de rara sagacidade, para discernir as comunicações autênticas das que não o são e para não ferir os que se iludem a si mesmos.

“Na dúvida, abstém-te, diz um dos vossos velhos provérbios. Não admitais, portanto, senão o que seja, aos vossos olhos, de manifesta evidência. Desde que uma opinião nova venha a ser expandida, por pouco que vos pareça duvidosa, fazei-a passar pelo crisol da razão e da lógica e rejeitai desassombradamente o que a razão e o bom-senso reprovarem. Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea. Efetivamente, sobre essa teoria poderíeis edificar um sistema completo, que desmoronaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento edificado sobre areia movediça, ao passo que, se rejeitardes hoje algumas verdades, porque não vos são demonstradas clara e logicamente, mais tarde um fato brutal, ou uma demonstração irrefutável virá afirmar-vos a sua autenticidade.”

“Lembraí-vos, no entanto, ó espíritas! de que, para Deus e para os bons Espíritos, só há um impossível: a injustiça e a iniquidade.”

“O Espiritismo já está bastante espalhado entre os homens e já moralizou suficientemente os adeptos sinceros da sua santa doutrina, para que os Espíritos já não se vejam constrangidos a usar de maus instrumentos, de médiuns imperfeitos. Se, pois, agora, um médium, qualquer que ele seja, se tornar objeto de legítima suspeição, pelo seu proceder, pelos seus costumes, pelo seu orgulho, pela sua falta de amor e de caridade, repeli, repeli suas comunicações, porquanto aí estará uma serpente oculta entre as ervas. É esta a conclusão a que chego sobre a influência moral dos médiuns.”

Especial

270 – 22/06/2012

O Consolador – (Marcus de Mario)

I. Papel dos Médiuns nas Comunicações Espíritas

Mediunidade conturbada

É fácil culpar o Espírito obsessivo pela mediunidade conturbada, mas quem o atrai e lhe fornece sintonia é o encarnado, ou seja, o médium.

“Se o médium, do ponto de vista da execução, não passa de um instrumento, exerce, todavia, influência muito grande, sob o aspecto moral. Pois que, para se comunicar, o Espírito desencarnado se identifica com o Espírito do médium, esta identificação não se pode verificar, senão havendo, entre um e outro, simpatia e, se assim é lícito dizer-se, afinidade. A alma exerce sobre o Espírito livre uma espécie de atração, ou de repulsão, conforme o grau da semelhança existente entre eles. Ora, os bons têm afinidade com os bons e os maus com os maus, donde se segue que as qualidades morais do médium exercem influência capital sobre a natureza dos Espíritos que por ele se comunicam. Se o médium é vicioso, em torno dele se vêm agrupar os Espíritos inferiores, sempre prontos a tomar o lugar aos bons Espíritos (...) Os defeitos que afastam os bons Espíritos são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões que escravizam o homem à matéria.”

- Allan Kardec. (O Livro dos Médiuns, cap. 20, item 227.)

Este texto trata do mau uso da mediunidade, destacando como um processo obsessivo promove dificuldades na vida e na prática mediúmica. Nosso objetivo é entender a responsabilidade de ser médium e como tão sutil é a influência perniciosa de Espíritos inferiores, podendo provocar, conforme nossa conduta, o processo obsessivo.

Responsabilidade de ser médium

Iniciamos trazendo a questão da responsabilidade de ser médium, e para isso nada melhor do que a palavra do Espírito Tobias, conforme narrativa do Espírito André Luiz no capítulo 3 do livro “Os Mensageiros”, quando esse abnegado trabalhador espiritual explica a função do Centro de Mensageiros do Ministério da Comunicação, na colônia espiritual Nosso Lar:

“Preparam-se aqui numerosos companheiros para difusão de esperanças e consolos, instruções e avisos, nos diversos setores da evolução planetária (...) Organizamos turmas compactas de aprendizes para a reencarnação. Médiuns e doutrinadores saem daqui às centenas, anualmente (...) Saem milhares de mensageiros aptos para o serviço, mas são muito raros os que triunfam. Alguns conseguem execução parcial da tarefa, outros muitos fracassam de todo. (...) Esmagadora percentagem permanece a distância do fogo forte. Trabalhadores sem conta recuam quando a tarefa abre oportunidades mais valiosas”.

Como vemos, existe no mundo espiritual a preparação daqueles que exercerão a mediunidade, e isso é levado tão a sério que André Luiz compara o Centro de Mensageiros a uma instituição congregando algumas universidades reunidas. E não por outro motivo, Allan Kardec dedicou uma obra inteira da codificação espírita para tratar do assunto, qual seja “O Livro dos Médiuns”.

Ressalte-se da explicação de Tobias que o médium deve ser promotor de esperanças e consolos, instruções e avisos, como um servidor fiel para o progresso da humanidade. Para isso, deve sintonizar com o bem, realizando todos os esforços para se colocar humildemente a serviço de Jesus, o governador planetário, procurando combater em si mesmo, de forma incessante, todos os vícios que possam levá-lo a afinizar-se com Espíritos imperfeitos. Nunca é demais, como insiste Allan Kardec nas obras que compõem a codificação espírita, chamar a atenção do médium quanto à sua responsabilidade e necessidade de autoeducação.

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XX)

A fala do Espírito Tobias casa-se perfeitamente com a explicação de Kardec que abre nosso texto, ou seja, se existem muitos fracassos no campo mediúnicos, estes se devem exclusivamente ao médium que, por falta de estudo e esforço no seu aprimoramento, atrai para si, pelas leis da simpatia e da afinidade, Espíritos imperfeitos que o desviarão da tarefa.

Exercer a mediunidade não é complicado, pois ela é uma faculdade natural do homem, do Espírito encarnado, mas exige algumas reflexões, como a realizada por José Herculano Pires em seu livro “Mediunidade”:

“No ato mediúnico tanto se manifesta o Espírito do médium como um Espírito ao qual ele atende e serve. Os problemas mediúnicos consistem, portanto, simplesmente na disciplina das relações espírito corpo. É o que chamamos de educação mediúnica. Na proporção em que o médium aprende, como Espírito, a controlar a sua liberdade e a selecionar as suas relações espirituais, sua mediunidade se aprimora e se torna segura. Assim, o bom médium é aquele que mantém o seu equilíbrio psicofísico e procede na vida de maneira a criar para si mesmo um ambiente espiritual de moralidade, amor e respeito pelo próximo”.

A educação mediúnica, que deve ser entendida como educação do médium, deve ser constante, pois médium que se considera preparado e deixa o tempo passar, colocando-se afastado do estudo doutrinário, corre sérios riscos, pois acaba entrando numa zona de conforto onde vícios, trejeitos e falta de bom senso diante das manifestações espirituais de que é instrumento, se instalam de forma sutil, dando campo à instalação e evolução do processo obsessivo que, como se sabe, conforme classificação de Kardec, passa pela obsessão simples, chega à fascinação e pode terminar na subjugação, todas essas modalidades em variados graus.

Influência sutil dos Espíritos inferiores

Mediunidade conturbada, ou seja, sem disciplina, sem discernimento, sem educação, é campo preparado para receber a influência sutil de Espíritos inferiores, que ocorre na medida em que o Espírito, após sintonizar com o médium, vai paulatinamente dominando sua mente, levando o médium a um estado de espírito negativo, que podemos identificar quando o médium começa a ter tendência para o derrotismo, o desânimo, perdurando esse estado durante horas ou dias.

Deve o médium perceber, no seu dia-a-dia, estados de espírito como dificuldade de concentrar ideias otimistas; ausência de concentração em leituras edificantes; dificuldade em orar; tristeza sem razão; indisposição inexplicável, principalmente quando em dia de atividade mediúnica ou de estudo; aborrecimento com conversações edificantes; pessimismo; exageros de sensibilidade; depressão; colocar-se quase sempre como vítima; teimosia em não aceitar conselhos e críticas construtivas, entre outros sintomas semelhantes que podem indicar uma influência negativa sutil.

As quatro fragilidades humanas

O Espírito Manoel Philomeno de Miranda, no livro “Trilhas da Libertação”, psicografado pelo médium Divaldo Pereira Franco, apresenta no capítulo “Os Gênios das Trevas” o que os Espíritos obsessores consideram como as “quatro legítimas verdades” humanas que facilitam o processo obsessivo:

- 1)Sexo – pois o homem facilmente se compraz no prazer.
- 2)Narcisismo – por ser filho predileto do egoísmo, e pai do orgulho e da vaidade.
- 3)Poder – quando o homem revela seus instintos e se deixa levar pelos interesses materiais.
- 4)Dinheiro – pois ele compra vidas e escraviza almas.

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XX)

Todo médium deve ter redobrados cuidados com essas quatro áreas, não devendo alegar que uma coisa é ser médium, quando procura obedecer certa disciplina, e que outra coisa é ter sua vida privada, quando essa disciplina mental e moral não precisaria prevalecer. Esse é o grande engano do qual os Espíritos inferiores procuram tirar proveito e, em muitos casos, conseguem com êxito, desviando o médium de suas sagradas funções, tornando-o joguete do processo obsessivo.

Advertência necessária

Elucida o instrutor espiritual Alexandre, no capítulo 3 do livro “Missionários da Luz”, ditado pelo Espírito André Luiz através do médium Chico Xavier:

“É imprescindível santificar a faculdade mediúmica, convertendo-a no ministério ativo do bem. A maioria dos candidatos ao desenvolvimento dessa natureza, contudo, não se dispõe aos serviços preliminares de limpeza do vaso receptivo. Dividem, inexoravelmente, a matéria e o Espírito, localizando-os em campos opostos, quando nós, estudantes da verdade, ainda não conseguimos identificar rigorosamente as fronteiras entre uma e outro, integrados na certeza de que toda a organização universal se baseia em vibrações puras. Inegavelmente, (...) os excessos representam desperdícios lamentáveis de força, os quais retêm a alma nos círculos inferiores. Ora, para os que se trancafiam nos cárceres de sombra, não é fácil desenvolver percepções avançadas. Não se pode cogitar de mediunidade construtiva, sem o equilíbrio construtivo dos aprendizes, na sublime ciência do bem viver”.

Problemas no exercício da mediunidade? Desequilíbrio na vida pessoal? A culpa não é da mediunidade, pois que ela é faculdade natural. A culpa é do próprio médium, pois na maioria das vezes o encontramos arredio ao estudo, à reforma íntima, à sintonia com o bem. Acomodado, e separando o que é do Espírito do que é da matéria, quando na verdade somos todos seres integrais, passa facilmente ao campo da fascinação, quando os Espíritos inferiores tudo fazem passar através dele e, influenciando magneticamente, acabam levando-o, com sua mediunidade conturbada, a vícios lamentáveis do corpo e da alma.

Para pensar

Será possível obter bons resultados sem educação mediúmica?

Poderá um médium que sofre influência de Espíritos inferiores ser um bom instrumento? Como o médium pode ser um tarefeiro de Jesus para regeneração da humanidade, sem o devido esforço em ser um homem de bem?

Se o Espiritismo é doutrina que tem a missão de realizar a transformação moral da humanidade, como o médium espírita pode viver sem realizar o seu aprimoramento espiritual?

Finalizando, solicitamos a todos os médiuns profunda reflexão sobre o texto de Allan Kardec que inicia nosso estudo, especialmente o seguinte trecho:

“A alma (Espírito encarnado) exerce sobre o Espírito livre uma espécie de atração, ou de repulsão, conforme o grau da semelhança existente entre eles”.

Ou seja: fácil é culpar o Espírito obsessivo pela mediunidade conturbada, mas quem o atrai e lhe fornece sintonia é o encarnado, portanto, o médium.

Pensem nisso.

Bons médiuns e médiuns orgulhosos

É comum ouvir-se a expressão: “Aquela pessoa é um bom médium. Tem uma mediunidade admirável”. Na verdade, o que seria um bom médium? E qual a definição que a Codificação apresenta para qualificar um bom médium?

Recorramos ao “O Livro dos Médiuns”, exatamente no capítulo XVI – Médiuns Especiais, Segunda parte, item 197.

No capítulo referido, e não exclusivamente, pois em outros capítulos o assunto também é abordado, o Codificador apresenta um quadro sinótico das diferentes variedades de médiuns. Trata-se de um quadro bastante interessante pela análise da variedade mediúnica. Com classificação orientada segundo uma descrição explicativa de todos os gêneros de mediunidade, especiais para efeitos físicos e intelectuais, de médiuns escreventes (e aqui segundo o modo de execução, o desenvolvimento da faculdade, o gênero e especialidade das comunicações, segundo as qualidades físicas e morais do médium), imperfeitos e, finalmente, o referente ao tema separado para a elaboração deste artigo, os bons médiuns. Como são conhecidos? Como podemos encontrá-los? No referido item, entre a citação do Codificador, há também comentários dos Espíritos Erasto e Sócrates.

O Livro dos Médiuns classifica os bons médiuns em sérios, modestos, devotados e seguros. Para fins de esclarecimento, transcrevemos abaixo a referida classificação, pertinente ao livro citado, para uma melhor visualização e entendimento:

Médiuns sérios: os que não se servem de sua faculdade senão para o bem e para as coisas verdadeiramente úteis; creem profaná-la fazendo-a servir à satisfação de curiosos e de indiferentes, ou para futilidades.

Médiuns modestos: os que não se atribuem nenhum mérito pelas comunicações que recebem, por belas que sejam; se consideram como estranhos e não se creem ao abrigo das mistificações. Longe de fugirem aos avisos desinteressados, os solicitam.

Médiuns devotados: os que compreendem que o verdadeiro médium tem uma missão a cumprir e deve, quando isto seja necessário, sacrificar seus gostos, seus hábitos, seus prazeres, seu tempo, e mesmo seus interesses materiais, para o bem dos outros.

Médiuns seguros: os que, além da facilidade de execução, merecem plena confiança, por seu próprio caráter, a natureza elevada dos Espíritos que os assistem, e que são os menos expostos a serem enganados. Veremos mais tarde que esta segurança não depende de nenhum modo dos nomes mais ou menos respeitáveis que os Espíritos tomam. (1)

Nas considerações de Erasto e Sócrates, há a valiosa orientação de como proceder com aqueles que se melindram com críticas, lembrando que “o médium que tomasse estas reflexões por mal provaria uma coisa: que não é bom médium” e que a busca desenfreada ou ambição por possuir faculdades excepcionais tira-lhes a qualidade mais preciosa: a de médiuns seguros, pois que o “estender indefinidamente o círculo de suas faculdades, é uma pretensão orgulhosa que os Espíritos jamais deixam impune; os bons abandonam sempre o presunçoso, que se torna, assim, joguete de Espíritos enganadores”.

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XX)

O quadro apresentado no capítulo referido é de grande validade para os estudiosos da Doutrina, para os médiuns em geral e para aqueles que, de uma forma ou outra, ocupam-se da mediunidade, pois que esta mesma variedade de médiuns apresenta graus infinitos em sua intensidade, como destacado no item 198 do capítulo citado.

É claro que a faculdade de um médium não está circunscrita exclusivamente a um só gênero, pois o mesmo médium (repetimos, como destaca o item 198 do capítulo referido) pode ter várias aptidões, com destaque para aquela que domina e para a qual deve se interessar em cultivar com mais empenho.

Ao contrário do que se pensa, a Codificação ensina que é um erro insistir no desenvolvimento de uma faculdade que não se possui. Ideal mesmo é cultivar aquela ou aquelas das quais se reconhece o germe em si mesmo.

Muito útil, portanto, que esta variedade mediúnica seja conhecida, estudada, até por questões de produção mediúnica ou utilização planejada das faculdades apresentadas, visando, é óbvio, ao bem das criaturas.

Por outro lado, para efeito comparativo, é significativo investigar, didaticamente, o lado oposto da questão acima apresentada. O orgulho no médium apresenta características nefastas e que são exigentes de atenção e reparação para a reprimenda de fraudes e desvios na prática doutrinária do Espiritismo.

No capítulo XX, Influência Moral do Médium (Segunda parte), item 228, 2º parágrafo, estão descritas as características dos médiuns orgulhosos. E, para fins didáticos, vejamos: a) confiança absoluta na superioridade do que obtêm; b) desprezo daquilo que não vem deles; c) importância irrefletida atribuída aos grandes nomes; d) recusa de conselhos; e) tomar a mal toda crítica; f) distanciamento daqueles que podem dar avisos desinteressados; g) crença na sua habilidade, são os caracteres dos médiuns orgulhosos.

De outro lado, não podemos deixar de considerar que os indivíduos são mais ou menos médiuns e que, muitas vezes, o orgulho é estimulado nos médiuns por aqueles que com ele convivem, através do endeusamento ou bajulações, incoerentes com a seriedade de nossa Doutrina. Nestes casos, julgando-se indispensável, sempre procurado ou louvado, passa o médium descuidado, tomado pelo orgulho e com ares de suficiência, a seguir o caminho certo para a queda moral, em prejuízo da faculdade.

O Espírito Erasto pondera que “(...) deve-se, pois, podar, sem piedade, toda palavra, toda frase equivocada, e não conservar, do ditado, o que a lógica não aceita, ou o que a Doutrina já ensinou (...)” e mais: “(...) o que a razão e bom senso reprovam, rejeitai ousadamente (...)”. Situações próprias do orgulho, do desejo de imposição, da ânsia de dominação.

O desafio, portanto, está em ser médium bom, ao invés, de um bom médium. A expressão “bom médium” é muitas vezes confundida com a facilidade na obtenção das comunicações.

O estudioso atento, todavia, ou aquele que deseja qualidade no intercâmbio com os Espíritos, deverá priorizar o conteúdo da mensagem, analisar aquilo que o médium traz pela palavra, escrita, ações, pois a mediunidade em si é neutra, mas é muito grande a influência moral do médium na produção mediúnica que apresenta. Daí a classificação apresentado por Kardec e comentada pelos espíritos.

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XX)

O estudo do quadro aludido afasta os equívocos do entusiasmo precipitado de aceitar tudo sem análise, protege médiuns sinceros, honestos e repele com naturalidade aqueles que desejam se utilizar da faculdade como instrumento de exploração popular, por orgulho ou ambição.

Outrossim, ressalta a importância de estudar continuamente a Doutrina Espírita, fonte inesgotável de orientação para médiuns, estudiosos ou envolvidos com a realidade do fenômeno mediúnico.

Por conseqüência natural, tal estudo evidencia a responsabilidade dos Centros Espíritas em oferecer material seguro aos médiuns, que neles trabalham ou a eles procuram, para o exercício dessa sublime faculdade, dada aos homens como instrumento de progresso e auxílio ao semelhante.

Bibliografia:

(1) **Kardec** Allan, O Livro dos Médiuns